

IMAGENS DA FOME E O ITINERÁRIO INTELECTUAL DE JOSUÉ DE CASTRO

Tânia Elias Magno da Silva - UFS

RESUMO

Discute-se como Josué de Castro foi influenciado pelas imagens da fome que formavam o cotidiano dos moradores dos mangues recifenses, e com os quais conviveu durante sua infância e parte da adolescência. Imagens trágicas que o acompanharam durante toda a sua existência, marcaram e dirigiram toda a sua trajetória intelectual. A miséria dos mangues do Recife ficou impregnada em sua memória e acabou por definir os rumos de sua vida, ao dedicar-se não só ao estudo da fome – causas e conseqüências, como a desenvolver uma ferrenha militância em prol dos famintos e na erradicação deste flagelo da face do planeta. Toda a sua extensa obra é dedicada ao tema da fome e a guiá-la estão sempre presentes as trágicas imagens que presenciou quando ainda menino, abrindo os olhos para o mundo.

Palavras-chave: Josué de Castro - Trajetória intelectual – Josué de Castro - Imaginário.

ABSTRACT

This work discusses how Josué de Castro was influenced by images of hunger that made up the daily lives of people who lived in the marshes around Recife and with whom he lived during his childhood and part of his teenage years. Tragic images that accompanied him during his whole existence marked and directed his entire intellectual trajectory. The misery of the marshes of Recife remained impregnated in his memories and ended up defining the directions his life would take when he dedicated himself not only to the study of hunger – causes and consequences, but also to the development of an iron like militancy in behalf of

the starving people and the eradication of this scourge from the face of the planet. All of his extensive work is dedicated to the theme of hunger and its guiding influence is always present in the tragic images that he witnessed while still a child, opening his eyes to the world.

Key words: Josué de Castro - Intellectual trajectory – Josué de Castro - Imaginary.

INTRODUÇÃO

O percurso intelectual traçado por Josué de Castro está fortemente marcado pelos quadros de miséria e fome que presenciou em sua infância. Sempre que indagado como havia escolhido o rumo de sua vida, fazia questão de afirmar que desde menino havia ficado como que fascinado pelos trágicos quadros de miséria que compunham a paisagem dos mangues recifenses, em particular os do bairro da Madalena onde morava, e tudo que produzia, estava de certa forma comprometido com aquele cenário.

A primeira sociedade com que travei conhecimento foi a sociedade dos caranguejos. Depois, a dos homens habitantes dos mangues, irmãos de leite dos caranguejos. Só muito tempo depois é que vim a conhecer a outra sociedade (...) Observando estes vários tipos de sociedade, fui levado a reservar, até hoje, a maior parcela de minha ternura para a sociedade dos mangues (1967, p.16).

As imagens que reteve na retina da memória, desde a mais tenra idade, bem como as histórias da saga de sua família, retirante da seca de 1877, compuseram a matriz do que, já adulto, transformar-se-ia no tema de sua vida.

... Foram com estas sombrias imagens dos mangues e da lama que comecei a criar o mundo de minha infância. Nada eu via que não me provocasse a sensação de uma verdadeira descoberta. Foi assim que eu vi e senti formigar dentro de mim, a terrível descoberta da fome (1967, p.19).

Ao debruçar-me sobre este personagem,¹ procurei acompanhar esta trajetória, mas era preciso munir-me de um instrumental de análise que permitisse entender como as imagens podem marcar a vida e a produção de um autor, como podem transformar-se em sonhos e devaneios, em especial quadros tão fortes e tristes, feios, agressivos, como são os quadros revelados pela fome.

Uma primeira questão que se colocou, foi a de questionar como um tema tão angustiante, pôde transformar-se em poética de vida, já que a poética contém em si mesma uma certa beleza, envolve um certo encantamento e mesmo uma suavidade; dela decorre uma melodia própria, não importando qual seja a linha melódica e os instrumentos utilizados para revelar sua sonoridade.

A poética envolve devaneios, paixões, cumplidade, e é difícil imaginarmos como alguém em sua consciência construiria, a partir dos quadros mórbidos da fome, uma poética. Como dar leveza a uma temática tão pesada?

Calvino (1993) argumenta que é possível subtrair o peso inerente à palavra pelas imagens que suscita e dotar-lhes de leveza, um valor literário que, segundo este autor, deverá ser preservado como condição de entrada neste milênio.

As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se em sonhos (...) a leveza é algo que se cria no processo de escrever, com os meios lingüísticos próprios do poeta, independentemente da doutrina filosófica que esta pretenda seguir (...) A leveza para mim está associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago ou aleatório. (...) É preciso ser leve como o pássaro e não como a pluma (1993, p. 28).

¹ Refiro-me a minha Tese de Doutorado intitulada "Josué de Castro: Para uma Poética da Fome", defendida em 1998, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Bachelard (1989) é claro ao afirmar que o frescor de um estilo é a mais difícil das qualidades, pois depende do escritor e não do assunto tratado. O frescor implica uma leveza de escrita e caracteriza uma poética.

De certo, pode-se argumentar que sobre a fome, em que pese ser um tema desagradável de ser abordado, pois de alguma forma nos sentimos como algozes dos famintos, em especial se comemos bem e por vezes até demais, ao ponto de precisarmos nos submeter a dietas de emagrecimento, muita obra de rara beleza já foi produzida em todos os campos da produção artística. Knut Hamsun, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1920, ficou famoso com o romance "Fome" (1955), no qual o principal personagem é ele mesmo.

A respeito desse autor, escreve o editor do Clube do Livro, responsável pela publicação desta obra no Brasil:

A principal personagem dos romances de Hamsun é o próprio autor, refletido em várias projeções de si mesmo. Do seu sofrimento – como conheceu ele todas as gamas e cores do infortúnio! – extraiu o sentido e a filosofia, bem como o enredo e a história dos livros que escreveu.

Estivador, marinheiro de navio mercante, tanoeiro, mestre escola de aldeia, aprendiz de sapateiro, condutor de bonde nos Estados Unidos, jornalista, tudo isso ele fez antes de alcançar o prestígio que decorre do mais famoso laurel literário do mundo. De tudo isso, tirou ele algo para as suas histórias (1955, p. 5).

Este mesmo argumento é válido para explicar o percurso intelectual de Josué, pois o seu conhecimento e sensibilidade sobre as agrúrias porque passavam os famintos, provinham de sua experiência de vida de menino pobre, filho de pais separados, vizinho da miséria, na cidade do Recife onde nasceu, em 5 de setembro de 1908.

Poeta, cientista sensível, emotivo, fez ciência com arte. Encantou e espantou pela forma apaixonada com que se debruçava sobre o tema da fome e denunciava que no mundo havia dois terços de famintos, que toda a Terra era terra de fome e que a fome não era um flagelo natural ou uma praga divina enviada para castigar os homens.

Ao contrário, era um flagelo fabricado pelos homens em suas opções políticas e econômicas e só poderia ser eliminada pela vontade dos homens.

Para entender a razão poética é preciso liberar-se de algumas amarras tradicionais que alicerçam nosso pensamento, é preciso entender a sutil ponte que liga ciência e arte. Por isso concordo com Morin (1984) quando este afirma que:

A ciência é, e continua a ser, uma aventura. A verdade da ciência não está unicamente na capitalização das verdades adquiridas, na verificação das teorias conhecidas. Está no caráter aberto da aventura que permite, melhor dizendo, que hoje exige a contestação das suas próprias estruturas de pensamento (1984, p. 22).

Afinal, a ciência não tem verdade, não se pode falar em uma verdade que seja científica, há verdades provisórias que se sucedem e a única verdade é a aceitação desta busca (Morin, 1984).

Como nos ensina Bachelard (1991), é preciso ter o direito de sonhar, se quisermos entender o sonhador, pois só um sonhador consegue manter-se fiel a um tema e com ele fazer um jogo de amor, de devaneios, de razão de ser, de transformá-lo no *leitmotiv* de sua vida.

No presente artigo, trago à tona algumas das imagens que marcaram profundamente a sua infância e juventude e que acabaram por definir os rumos que tomou em sua vida e findaram por marcar toda a sua imensa obra. Imagens que acompanharam a sua trajetória intelectual, pois como ele mesmo chegou a afirmar, *toda a Terra era terra de fome*.

1 – A INFÂNCIA NO BAIRRO DA MADALENA

Em **Homens e Caranguejos** (1967), obra considerada pelo próprio autor como um quase livro de memórias, ou uma autobiografia, revela a sua descoberta da fome, feita nos anos da infância vivida nos alagados da cidade de Recife, onde conviveu *com os afogados deste mar de misérias*.

O cenário onde se desenrola a história deste romance - o único de sua carreira de romancista - começa em uma das mais trágicas secas que assolaram o sertão nordestino: a famosa seca de

1877, na qual pereceram, segundo as estimativas da época, cerca de 500 mil pessoas.² É dela que fogem os seus pais e avós, sitiantes do município de Cabaceiras, na Paraíba.

Mas é ao falar da casa onde nasceu, no bairro do Espinheiro, e da casa do bairro da Madalena, em Recife, onde viveu até sua ida para a cidade de Salvador, na Bahia, aos 15 anos, que encontramos a matriz de suas recordações:

A casa em que nasci tinha ao lado um grande viveiro de peixes, de caranguejos e de siris. Se não nasci mesmo dentro do viveiro, como os caranguejos, já com dois anos estava dentro dele. Escorreguei um dia no barro de suas margens e fui retirado de dentro de suas águas meio afogado. (...) Mudei-me depois para outro bairro mais perto do rio. Fomos morar na Madalena, numa velha casa colonial de um só andar (...) Casa grande, acachapada com sua pesada massa arquitetônica, montada como uma fortaleza em seus altos batentes, por onde subiam, os caranguejos em tempos de cheia até o terraço entrando mesmo dentro das salas. Nas épocas de cheia, a casa virava uma arca de Noé, e todo o sítio virava um mar. Quando as águas baixavam, uma lama preta ficava recobrando, durante dias, toda a paisagem (1967, p. 16-17).

Que estranho pacto terá feito o menino, ainda pequeno, com esses seres, moradores do mar de lama que entravam casa a dentro? Há quem acredite, como o amigo Otávio Pernambucano, que cedo houve uma estranha e trágica fascinação, e que esta convivência estendeu-se, gerou fascínio, paixão, compromisso que o menino assumiu à revelia do homem que viesse ser, pois viveria o resto de sua vida deixando a marca dos seus passos em todas as lamas da terra.³

O mangue era a continuação do grande quintal que cercava a casa, pobre de plano e de acabamento, quartos e salas do mesmo tamanho, como costumava lembrar, com uma frente dan-

² Estima-se que pelo menos 119 mil caíram no Ceará. Dos 500 mil, um terço morreu de inanição, 100 mil de febres e outras doenças, 180 mil de sede e alimentação venenosa. In: INTERIOR. Revista bimestral do Ministério do Interior, ano 9, n. 50, p. 7, maio/jun. 1983.

³ Otávio Pernambucano conheceu Josué de Castro quando tinha a idade de 8 anos na escola onde estudavam e foram amigos íntimos até o final da vida de Josué.

do para o rio Capibaribe e outra para a antiga rua do Beco da Fábrica, hoje rua Demócles de Souza.

Ao recordar-se da casa paterna, na Madalena, é a mocambópolis⁴ que se enovelava em ruas escurecidas pela lama do mangue que lhe inspira a fala. Cidade estranha, habitada por homens e caranguejos, vivendo numa intrigada e trágica simbiose. São seus amigos de infância que o fazem refletir sobre o sentido de sua vida. São imagens que surgem como pistas para decifrar seus tortuosos caminhos de produção intelectual.

Da infância, recorda a negra Totonha, tia do Cosme, a negra Filomena, contadora de histórias, o mulato Nascimento Grande, valente por profissão, mestre Zuza, dono de um pastoril e principalmente o Chico e o Cosme, seus melhores amigos. Essa amizade é relatada com muita emoção no conto "Solidariedade Humana", que enfeixa sua coletânea *Documentário do Nordeste* (1959), escrito como um desabafo pela tristeza que sentiu ao receber no Rio de Janeiro, onde residia desde meados da década de trinta, a notícia da morte do Chico, no hospital para Lázaros, e, três meses depois, a do Cosme.

Embora tenha afirmado na ocasião que não havia se surpreendido com essas mortes sucedâneas, pois os dois estavam ligados através de uma força que era a própria razão de continuarem vivendo, ao escrever "Solidariedade Humana" revela o quanto ele também fazia parte desta força vital:

Durante um bom pedaço (talvez o melhor pedaço) de minha vida morei perto dos dois bem junto à zona dos mocambos da Madalena: dos 8 aos 14 anos...

Pretendo tratar de alguns retalhos da vida de dois indivíduos que foram meus amigos, que me impressionaram fortemente nos meus dias de criança e que viviam ao lado da nossa casa nesta cidade do Recife que é, sob certos aspectos, a Hong-Kong da América.

...Lá moravam a negra Filomena contadora de histórias da África e do Reino, o mulato Nasci-

mento Grande, valente de profissão, Zuza mestre do pastoril mais famoso do Nordeste e rei de um Maracatu do qual já esqueci o nome e Cosme e Chico que foram os meus dois grandes amigos de infância (1959, p. 45).

Falar dos amigos foi como o navegar calmo do sonhador, a revelar seus desejos, segredos, sua profissão de fé com aquele universo pegajoso do mangue. Foi liberar-se num devaneio da memória em busca da matéria formadora da imagem poética, pois, num sentido bachelardiano (1989), podemos afirmar que as imagens poéticas têm a sua matéria e para que um devaneio tenha continuidade, e resulte numa obra escrita, é preciso que ele encontre a sua matéria, que lhe proporcionará sua poética específica. É no mundo das águas lamacentas dos mangues do Capibaribe que o autor irá encontrá-la.

Chico era sozinho no mundo, desamparado, escondendo-se naquele isolamento com medo da caridade pública organizada. Chico era leproso (...) E tinha um medo horrível de ser levado à força para o hospital (...) O que ele não queria perder nem por sonho era a sua liberdade (1959, p. 47).

Filho único, sem amigos para brincar, Josué parece ter encontrado nesses dois personagens a companhia que lhe faltava em casa, conforme relata:

Como eu era filho único e não tinha com quem brincar, fugia com frequência, apesar de todas as recomendações, para conversar com o leproso. Era eu quem o informava das novidades do mundo. Às vezes das novidades de minha imaginação (...) Em troca ele me contava as suas aventuras noturnas com os peixes, os vaga-lumes e os mosquitos...

Cosme, pobre preto ainda mais infeliz na sua vida de trapo jogado sobre um jirau. O Cosme morava num dos mocambos do baxio, paralítico há 18 anos, desde os tempos de rapazinho (...) A única diversão do Cosme é um espelhinho de mão (...) ele orienta a luz do espelho para o lado do caminho que cruza lá longe e vê naquele pedaço de vidro um reflexo da vida que passa (...) falava da sua doença abertamente com datas e detalhes, orgulhoso de seu sofrimento, de sua paciência heróica (1959, p. 48-49).

⁴ Expressão utilizada por Josué ao referir-se à zona dos mocambos, que formavam, nos mangues de Recife, verdadeiras cidades.

Anos mais tarde, iria confessar que os contatos humanos mais proveitosos que teve na infância, haviam sido com essa gente do povo, com essa paisagem humana do Recife, com seus humildes moradores. Essa confissão dá-nos uma pista de como as imagens de sua infância ficaram presentes em seu íntimo, como uma espécie de compromisso assumido e, de certo modo, uma identidade com aquele universo de misérias. Foram esses contatos que serviram para o orientar nos estudos de categoria social que, anos mais tarde, revelaram-se nos seus trabalhos.

Os amigos da rua davam-lhe a segurança de que sua vida não ia ser bisbilhotada, comentada, censurada. Desde cedo viveu o drama de ser filho de pais separados e, segundo seu próprio depoimento, procurava evitar as amizades que pudessem questionar sua situação familiar.

*“Meus pais se separaram quando eu tinha quatro anos. Nunca os conheci juntos. Eu morava com minha mãe no Recife (estudava com ela, que era professora) e as férias eu passava na zona seca do interior, no sertão, em fazenda de meu pai, oriundo da região”.*⁵

Aos oito anos de idade passou a residir na casa do pai, contudo nunca deixou de visitar todos os dias sua mãe, que também morava na Madalena, só que em condições econômicas bem precárias.

Josefa de Castro, ou Dona Moça, como era chamada a mãe de Josué, vivia, segundo o depoimento do amigo Otávio, em uma casinha pobre perto do mangue, onde ensinava as primeiras letras a filhos de operários que pouco pagavam, filhos de gente pobre como ela. Ao recordar o amigo, Otávio fez questão de trazer à tona uma imagem que nunca conseguiu esquecer: a do amor entre mãe e filho e do quanto a separação deve ter sido cruel a ambos.

“...depois do almoço ele deixou-me e foi ter uma conversa baixa com o pai que decifrei quando saímos para visitar a velha dona Moça, Josefa de Castro...”

Comoveram-me a alegria e o carinho do encontro. Sentaram felizes em cadeiras encostadas, ele tomou-lhe o braço esquerdo todo sobre o seu direito prendendo-lhe a mão entre as suas...e começaram o namoro e os agrados...tinha reclamado do pai a irregularidade da entrega do leite, ela devia exigir que o empregado lhe dispensasse todo o respeito que não era favor, era condescendente demais e por isso não lhe davam o tratamento devido. Indagou a saúde, suas necessidades, e dos pagamentos dos alunos.

“Ela quis saber dos estudos, dos colegas, dos passeios, de nossa amizade, minha família, as coisas da casa do Neco”.

*“...saímos deixando-a muito feliz de ver o filho e o amigo, lamentando que este a encontrasse naquela pobreza e que nada tivesse em casa no momento, para oferecer”.*⁶

Não encontrei nenhum registro que pudessem indicar os motivos precisos que levaram Josué a deixar a casa materna e ir residir com o pai. Ele nunca comentou o fato. Segundo Otávio Pernambucano, a escolha poderia ter sido do próprio Josué, para poder estudar, pois, uma vez terminado o curso primário com a mãe, a mesma não tinha condições financeiras para arcar com a continuação de seus estudos. Mas, acredito que o mais provável é que tenha sido uma decisão de sua mãe, que sonhava ver o filho formado e não tinha condições de arcar com as despesas necessárias para mantê-lo na escola.

Embora de origem aristocrática, pois descendia dos Carneiro da Cunha, Dona Moça era pobre, pois fora abandonada pelo marido numa época em que não havia nenhuma obrigatoriedade legal para este manter a ex-mulher e, portanto vivia dos parcos rendimentos que recebia das aulas que ministrava.

⁵Os depoimentos de Josué que não têm a citação de fonte resultaram de uma construção feita por mim e extraída de várias entrevistas concedidas em diversos momentos de sua vida, bem como de fragmentos de prefácios de seus livros e/ou trechos destes. Vide a respeito, SILVA, Tânia Elias Magno da. *Josué de Castro: para uma poética da fome*. Tese, São Paulo, PUCSP, 1998.

⁶ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA. *Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro; depoimentos*. Recife: UFPE, Ed. Universitária, 1983. p. 199.

São muito esparsas as informações sobre os pais do autor. Segundo o depoimento de uma prima, pelo lado paterno de Josué de Castro, dona Josefa era filha de criação, uma moça acaboclada, de cabelos escorridos e o filho havia herdado da mãe a cor e o nariz grande e chato.

O pai, Manoel de Castro, era marchante de gado e leite, além de possuir terras em Cabaceiras, embora não pudesse ser considerado um homem rico, nem fizesse parte da aristocracia pernambucana, tinha uma situação financeira estável e com condições de financiar os estudos do filho. Durante os anos que viveu com a mãe, Josué passou por inúmeras privações e, segundo o seu testemunho, sabia por experiência própria o que era a fome.

Adulto e já famoso, ao ser criticado e acusado pelos adversários de esconder a sua origem e de ter vergonha do pai entregador de leite, homem humilde de pouca instrução, respondia:

Se escondo minha origem não me explico a mim mesmo. Todos nós somos casuais. Olívio Montenegro, dos melhores amigos que tive, dizia que o que se chama de precocidade não é precocidade. É conformidade. É o menino se conformando com a forma que vai tomar, amanhã o homem...

“A necessidade de não falar de meu pai a minha mãe, e de minha mãe, quando estava com meu pai, me deixava numa situação penosa. Eu tinha que ter duas atitudes de conversa. Como se, diante de um, o outro não existisse”.

Apesar de desfrutar do amor paterno e materno, era alvo de disputa entre os pais, por isso, ao ser questionado sobre a sua vida, explicava:

Não há intolerância em nada do que faço. O mundo não era o que eu desejava. Eu era uma criança infeliz. Sentia que os outros falavam de suas famílias e aquilo não era assunto para mim. Não podia convidar os colegas. Convidar para onde? Pró casa de meu pai ou de minha mãe? Na casa de meu pai perguntavam por minha mãe; na casa de minha mãe perguntavam pelo meu pai.

Para fugir do drama de um mundo dividido, da curiosidade de colegas sobre o porquê da ausência da mãe na casa paterna e vice-versa, procurava nos meninos pobres da rua, acostumados

a lares desfeitos e pouco preocupados com as convenções sociais, as companhias de folguedo. *“Eles compreendiam a minha situação e nada perguntavam. Eu queria era a rua. Não queria nada com a casa de ninguém porque na casa dos outros perguntavam logo: ‘quem é seu pai? Cadê sua mãe?’ e lá vinham problemas”.*

Gostava sempre de afirmar que havia sido menino descalço e pobre de rua como tantos outros que encontrava pela vida e por isso entendia o drama que viviam. Ao escrever o prefácio de **Homens e Caranguejos** (1967), busca romper um pouco com o silêncio que durante muito tempo guardou sobre aspetos de sua vida, ao afirmar: *“Tudo o que eu sei é que, neste livro, se conta a história de vida de um menino pobre abrindo os olhos para o espetáculo do mundo, numa paisagem que é, todo ela, um braço de mar – um longo braço de mar de miséria”* (1967, p. 12).

E, embora recorde-se, nesta obra, da casa paterna, da mocambópolis, dos amigos de infância, de personagens do povo pobre dos mangues recifenses, não emerge uma única palavra da casa materna, da vergonha a que ficou sujeita sua mãe, acusada de infidelidade e expulsa de casa pelo marido, carregando a seu lado um menino de quatro anos, que mal havia aberto os olhos para o mundo. Nenhuma referência da casa materna. Em nenhum momento de sua vida fornece detalhes de sua vida com a mãe.

A memória é um campo de ruínas psicológicas, como bem adverte Bachelard (1988), é um amontoado de recordações. Seguindo esta trilha cognitiva, o que de fato é preciso reencontrar para se alcançar os arquivos da memória, não são os fatos em si, é preciso ir mais além, é preciso chegar aos valores. Isto porque, mais premente que a determinação de datas, é para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços de nossa intimidade.

A lacuna deixada por Josué a respeito de passagens de sua infância falam mais que palavras, revelam as verdadeiras imagens que marcaram o menino e que acabaram se revelando no adulto. O conforto material que desfrutava na casa paterna não conseguiu compensar a falta que sen-

tia da presença constante da mãe a seu lado, bem como o desejo de que os pais formassem uma família unida e a casa onde morava fosse um lar.

A casa é nosso primeiro encontro no mundo, nosso primeiro canto. Uma primeira perspectiva dessa imensa imagem caleidoscópica que apresentará a nossa existência. Ela é como o nosso primeiro universo (Bachelard, 1993). Portanto, é possível, seguindo as pistas que ela deixa em nossa memória e até as lacunas que dela advém, captarmos as marcas que deixou em nossas vidas.

A casa da Madalena foi, com todas as contradições e conflitos que representou, um marco na vida de Josué. Era o refúgio onde se abrigava em seus devaneios. Deixou marcas que nunca se apagaram.

2 - DE CASCABULHO A ACADÊMICO

As lembranças que guardou de seu tempo de escola no Recife, até sua transferência, em 1923, para a cidade de Salvador na Bahia, quando ingressou na Faculdade de Medicina, fornecem um novo conjunto de pistas que nos ajudam a entender o seu percurso intelectual.

Essa trajetória que contém venturas e desventuras vai sendo revelada à medida que a fala reconstrói os quadros do passado, como um imenso mosaico de recordações. Ao findar os estudos iniciais com sua mãe, foi preciso freqüentar uma escola preparatória e concluir as matérias que o habilitariam a ingressar no curso de medicina.

Acostumado às brincadeiras sem horário no bairro pobre onde morava, foi um aluno rebelde, que queria ganhar a rua e brincar com os meninos pobres da vizinhança. Depois de freqüentar a escola pública, foi matriculado num educandário denominado “Colégio Chateaubriand”, dirigido pelo professor Charles Koury. A mudança não foi boa, pois ele rebelou-se com a disciplina da escola e passou a ser um dos piores alunos, quase sempre de castigo; por essa razão, era alvo de chacotas por parte dos colegas, que vez por outra procuravam humilhá-lo.

Ao relembrar esta fase, vê-se representado por duas imagens contrapostas, a de demônio e a de anjo:

Estudei em dois colégios no Recife, nos quais personifiquei duas atitudes estereotipadas: numa a de anjo, noutra a de demônio. Comecei como demônio. Arrancado da minha selvageria de banho no rio, de jogo de pião e de castanha e de pés descalços na rua, para a disciplina rigidamente estúpida de um colégio, onde o aluno interessava apenas como um contribuinte ao seu orçamento, me rebelei profundamente e personifiquei o menino mau...

Fui o pior aluno, no Colégio Francês Chateaubriand. Passava três quarta partes do meu tempo de joelhos. Eu já entrava prá ficar de joelhos... Em três anos que aí estudei a única figura de professor com quem convivi e que tinha realmente alguma coisa a dizer, foi a do jornalista Aníbal Fernandes.

Em seguida passei para outro colégio aí conheci a figura humana que maior influência teve na minha vida (...) a do educador Pedro Augusto Carneiro Leão (...) O grande educador que era o seu diretor, diante de uma resposta minha disse: O senhor é de uma ignorância como eu nunca vi, no entanto é de uma grande inteligência porque inventou tudo o que falou, mostrando, ao mesmo tempo, sua inteligência e sua ignorância. Esse homem admirável tolerava a minha rebeldia e, em pouco, eu me transformava no melhor aluno da turma.

“Se eu tivesse ficado no outro colégio, hoje seria um pobre diabo. O pouco que fiz devo a ter sido compreendido pelo Carneiro Leão”.

O interesse pela leitura surge apenas depois dos doze anos, antes só abria livros de estudos, testes escolares e nada mais. Como ele mesmo afirmava a esse respeito, “filho de família pobre, morando em bairro pobre, satisfazia com facilidade esta aspiração infantil de vagabundagem”.

Diferentemente dos meninos das camadas aristocráticas, muitos dos quais foram seus colegas de colégio, não teve na infância preceptores que falassem inglês, alemão ou francês como era costume dos filhos da camada senhorial pernambucana que, em geral, iam depois concluir seus estudos fora do país.⁷

⁷ É o caso de Gilberto Freyre, que concluiu o ciclo secundário na Inglaterra e fez os estudos universitários nos EUA, onde doutorou-se. Desde criança Gilberto teve preceptores que o adestravam em inglês e francês, bem como em desenho, sem mencionar o fato que descendia de uma família de pessoas cultas. In: FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: UNB, 1968.

Seu primeiro aprendizado ocorreu através do contato com a gente do povo, com os personagens que habitavam os mangues da Madalena. Foi através de suas histórias de vida, que aprendeu as primeiras letras dessa difícil matéria que é a solidariedade humana. Foram estas trágicas imagens que marcaram a sua infância, foi através delas que encontrou a matriz de seus estudos sociais, a razão de tanta emotividade em seus escritos, a profissão de fé com um tema polêmico, que acabou dando-lhe a alcunha de “profeta de fome”.

Não sem razão, afirmava com certo orgulho, que o seu aprendizado sobre a fome não resultava de nenhuma Sorbonne, que havia feito um curso inteiro sobre este tema durante sua infância e juventude:

Não foi na Sorbonne onde aprendi a conhecer a fome. Foi em Recife, ali aprendi as primeiras letras (...) Jamais esquecerei as “turmas” desses infelizes desfiles de homens-caranguejos, procissão de fantasmas detendo-se as vezes para ouvir o “Bumba-meu-Boi” onde o boi era o mais estranho animal que podiam ver os meus olhos de criança. (...) o mais humano boi que eu havia podido imaginar, sofrendo, chorando, revolvendo-se. O vaqueiro contava que seu boi havia morrido de fome e seu canto era uma ladainha dolorosa ...

“Eu pensava que a fome era coisa do meu bairro. ‘Coisas de Recife’ eu dizia. Depois saí no mundo e encontrei que a fome, a miséria não eram nossa exclusividade. Não era a fome privilégio dos caranguejos e dos homens de Recife. A fome era universal”.

No Instituto Carneiro Leão, para onde foi transferido em 1921, conhece o amigo Otávio Pernambucano, que ajuda a recompor algumas cenas desse período:

“Entre os novatos, apareceu aquele menino no colégio e não se assustou com o regime (...) Tratava sempre de olhar, de conviver com os alunos mais estudiosos e que escrevessem melhor, ele tinha loucura por escrever bem...”

Os companheiros sentiram o novato e advertiram-se de que não era amigo, queria aprender mas não tinha tempo para ajudar no que sabia (...) E foi juntando antipatizantes e desafetos,

especialmente no grupo desses melhores nascidos e vividos que despeitados por verem que riqueza não é inteligência, hostilizavam-no, chamando-o exibido, pretensioso, cabotino.⁸

Aos 15 anos, concluiu o curso preparatório que o habilitava a entrar na faculdade e como não tivesse ainda a idade legal, exigida na época, foi preciso falsificar o seu documento, alterando a sua data de nascimento.

O pai, conforme depoimento do próprio autor, fez questão que ele estudasse na Bahia, talvez devido à fama e tradição que o curso de medicina da cidade de Salvador tivesse. A ida de Josué à capital baiana foi feita com sacrifícios pelo pai, pois este não era homem de tantas posses para sustentar o filho fora e num curso dispendioso. Contudo, a escolha da profissão foi a satisfação de um desejo de sua mãe; ela queria que o filho fosse médico. Deste período recorda o autor:

Aí fiquei três anos. Guardo uma recordação extraordinária de meu companheiro de quarto Théo Brandão⁹, criatura admirável, pensava que eu era metido a besta, quando na realidade, sempre me considerei inferior a todo mundo, especialmente a ele. Eu procurava compensar de alguma forma, meu sentimento.

Não é difícil encontrar explicações para este sentimento de inferioridade que sentia o nosso personagem, pois não provinha de família de posses ou de tradição como a maioria de seus colegas; havia o drama familiar, que de certo também contribuía para que se sentisse inferiorizado, além das dificuldades financeiras que passava como estudante pobre, que por pouco não teve que abandonar os estudos devido às dificuldades financeiras porque passava o seu pai, conforme relata o amigo Otávio:

“O pai desanimava de conquistar o filho e aproveitou a oportunidade para alegar que não tinha recursos para custear os estudos noutra Estado”.

⁸ In: ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA. *Ciclo de estudos sobre Josué de Castro*: depoimentos. Recife: UFPE, Ed. Universitária, 1983. p. 197-199.

⁹Théo Brandão tornou-se um importante estudioso da cultura popular e das manifestações folclóricas brasileiras.

D. Moça correu em pranto à casa do compadre Dubeaux¹⁰ que, sem muito trabalho convenceu o Néco e deixou acertada a mesada que se prontificou a depositar pontualmente na Usina Cucaú, de João Cardoso Ayres, para ser entregue em Salvador. O compadre ia indenizando como pudesse.

“Findo o ano, voltou mais falante, contando com espírito as mancadas dos colegas daqui, os cacoetes dos mestres, a vida baiana. O pai encantado, contente...”

Na chegada das férias, o passeio rotineiro era feito aos mangues de Recife, isto até quase a formatura: Ilha do Leite, Coelhos, Cabanga, Santo Amaro, Olinda, Zona Portuária, Cruz do Patrão. Muitos desses lugares são hoje áreas muito valorizadas e seus tradicionais moradores, os “homens-caranguejos”, como denominou Josué esta população quase anfíbia de pessoas que viviam submersas no mar de lama, foram afastados para locais mais periféricos e de baixo valor imobiliário.¹¹

O passeio pela zona dos mangues era como que um esforço para não apagar da memória os quadros mais marcantes de sua infância; ia rever os amigos e personagens que lhe deram o primeiro sentido da vida e acalentaram os seus sonhos de menino.

Criei-me nos mangues lamacentos do Recife cujas águas fluindo diante dos meus olhos ávidos de criança, pareciam estar sempre a me contar uma longa história. O romance das longas aventuras de suas águas descendo pelas diferentes regiões do Nordeste; pelas terras cinzentas do sertão seco, onde nasceu meu pai e de onde emigrou na seca de 77 com toda a família, e pelas terras verdes dos canais da zona da mata, onde nasceu minha mãe, filha de senhor de engenho. Esta era a

história que me sussurrava o rio com a linguagem doce de suas águas (...) Eu ficava horas e horas imóvel sentado no cais, ouvindo a história do rio, fitando suas águas correrem como se fosse uma fita de cinema.

Foi o rio o meu primeiro professor de história do Nordeste. A verdade é que a história do Nordeste me entrou muito mais pelos olhos do que pelos ouvidos. Entrou-me por dentro dos meus olhos ávidos de criança sob a forma destas imagens que estavam longe de serem claras e risonhas.

Como um sonhador da matéria, deixava-se embalar pela sonoridade das águas, nem sempre claras, mas como não se sonha à beira da água sem se formular uma dialética do reflexo e da profundidade (Bachelard, 1989), foram com as sombrias águas lamacentas dos mangues do Capibaribe que os olhos do menino se abriram para o mundo e desenvolveram a sua capacidade criativa/sonhadora.

A fome presenciada no realismo das histórias paternas e o murmúrio das águas que enfeitavam o fundo do quintal de sua casa e onde ficava por horas a fio a imaginar de onde vinham e para onde iam aqueles seres anfíbios, irmãos de leite do caranguejo, parecem ter sido imagens de um tempo sem tempo definido e que, aos poucos, foram sendo reveladas em sua obra, quando já adulto, aparentemente de outro tempo. Essas indagações foram a matriz de seus estudos, o alicerce poético da **“Geografia da Fome”** e da **“Geopolítica da Fome”**.

A criação científica e a produção ficcional são, ambas, produtos do devaneio de seu autor. É preciso ser um sonhador para se debruçar apaixonado por um tema até desvendá-lo por completo. É preciso dar asas à imaginação para que se crie algo de novo. Pouco importa se o produto gerado será denominado de ciência ou arte, o processo é o mesmo.

Bachelard (1991), ao discorrer sobre os devaneios e sonhos, enfatiza que o artista conhece impulsos de criação, conjuga perfeitamente todos os tempos do verbo criar e experimenta todas as venturas da criação.

Aquilo, que os olhos assustados de menino viram, acabou traduzindo-se numa série de contos e ensaios que escreveu, calcados num realismo gritante

¹⁰ Arthur Dubeaux, próspero empresário pernambucano e quase vizinho da família de Josué, na Madalena, era seu padrinho e nutria pelo afilhado grande estima e admiração, no que era plenamente correspondido.

¹¹ No romance *Homens e Caranguejos* (1967), no capítulo VII, “De como os moradores da Aldeia Teimosa construíram na marra a sua cidade” é narrado o drama das invasões dos mangues pelas populações miseráveis, que do dia para noite erguiam uma verdadeira cidade de palafitas, bem como todo o movimento de resistência para permanecerem no local.

e, por vezes, não compreendido por aqueles que nada ou pouco conheciam do mundo dos deserdados da terra, dos famintos, dos esquecidos.

O próprio autor confessa, no prefácio de **Homens e Caranguejos**, como o universo dos manguzeais e a sua população de excluídos deixaram marcas que o acompanharam para o resto de sua vida: “*O que não tinha contado, até hoje, foi o meu encontro com o drama da fome (...) Não só o encontro, como o pavor que ele me provocou (...) É esta fascinação e esta marca que a fome provocou na minha alma de criança*” (1967, p. 24-25).

O curso de medicina Josué foi concluir no Rio de Janeiro, mas essa é uma passagem meio obscura de sua história. Em alguns depoimentos, fala muito superficialmente dos motivos que o teriam impelido a trocar de escola e de cidade: a desilusão com o curso e a expectativa de que a faculdade do Rio de Janeiro pudesse lhe motivar mais, são os principais argumentos apresentados. Desiludido com a “mesmice” da faculdade baiana, esperava encontrar na do Rio um atrativo maior, afinal ia para a capital federal, centro de efervescências culturais e isto atraía a sua curiosidade e insaciável vontade de aprender coisas novas, contactar pessoas diferentes, interessantes, alimentar o espírito.

A vida acadêmica na capital do país foi movimentada, sempre buscando acompanhar de perto os acontecimentos culturais mais importantes, fazer novos relacionamentos, mesmo que como estudante pobre passasse algumas dificuldades.

No Rio, diante da vida acadêmica movimentada, “soltou-se demais” e em pouco notou que sumiam ele e o dinheiro, como lembrou o amigo Otávio¹². Em carta enviada por seu pai em 18 de julho de 1928, este alude ao abatimento físico do filho e queixa-se de sua situação econômica:

“... acuso o recebimento de amável missiva, datada de 20 do mês pr. p. (...) bem como de sua

fotografia pela qual nota-se-lhe grande abatimento físico (...) Os negócios aqui estão péssimos ...”

No Rio de Janeiro precisou dar uma nova dinâmica à sua vida, imprimindo à mesma um ritmo de maratona. Estudava, lia, preparava resumos para colegas mais abonados, escrevia para jornais e revistas sobre assuntos diversos, inclusive cinema. Parecia querer descontar os anos vividos em Recife e Salvador e ampliar o seu leque de amizades.

Vivia-se a movimentada década de vinte, com todos os reflexos que o movimento modernista trouxera à baila, em especial a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, em que o questionamento do tradicional traduziu-se na busca de um novo reordenamento cultural. O fervilhar de novas idéias e personagens, no cenário intelectual, era alimento para a “*febre dele de procurar a ciência, de procurar tudo que fosse do espírito*” (1983, p. 203).

Josué concluiu o curso de medicina em 1929, com vinte e um anos incompletos, mas de viagem marcada para o México, não compareceu a sua colação de grau, conforme relembra:

*Terminei a faculdade em 29, no Rio, pois só fiz os três primeiros anos na Bahia. Mas não me diplomei porque tive que sair chefiando uma delegação de estudantes à posse do presidente do México, que Otávio Mangabeira e Ronald de Carvalho me proporcionaram. Aliás nem cheguei a colar grau. Embarquei duas horas antes da cerimônia. Na hora da formatura alguém respondeu por mim. Eram 480. Ninguém reparou.*¹³

As dificuldades financeiras porque passava são reveladas em uma carta que escreve a sua mãe nessa ocasião e, na qual, queixa-se que o pai devido às dificuldades financeiras não poderia socorrer-lhe para as despesas de viagem, em especial para comprar roupas adequadas:

“... Não estou em condições de me apresentar como médico. Necessito de roupas e outras coisas”.

¹² In: ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA, *Ciclo de estudos sobre Josué de Castro*: depoimentos. Recife: UFPE. Ed. Universitária, 1983. p.203-204.

¹³ A colação de grau foi em 28 de dezembro de 1929.

“Felizmente o Ministério do Exterior me dará dinheiro para despesas de viagem e estadia, além da passagem. Com este dinheiro eu farei as despesas indispensáveis e ficarei em melhores condições”.

A carta confirma as dificuldades financeiras enfrentadas no Rio de Janeiro, sem sobras de mesada, virando-se como podia para concluir o curso e sempre preocupado para que nada faltasse à sua mãe:

... Ademais lhe mandarei algum dinheiro, o que há tempo tenho procurado fazer. Dentro de oito dias você receberá pelo banco e por intermédio de Arthur, o presente de Natal que lhe manda o seu filho. Será um bom presente. Também lhe trarei umas bonitas coisas dos Estados Unidos. Esta viagem será, se Deus quiser, será muito boa, sob todos os aspectos.

No dia da posse do novo presidente mexicano, o engenheiro Pascual Ortiz Rubio, este sofre um atentado e, dias depois, renuncia ao cargo. Após este trágico episódio, Josué deixa a caravana de estudantes e segue para os Estados Unidos onde permanece por quatro meses, estagiando na Universidade de Colúmbia e no Medical Center de Nova York.

No período que esteve no exterior registrou em seu caderno de anotações¹⁴ uma crise depressiva que sofreu durante a viagem e que o obrigou a ficar de repouso por alguns dias. Esta contudo não havia sido a primeira, pois, enquanto estudante no Rio, já havia sofrido outras crises que o obrigaram a ficar de repouso por algum tempo, mas que as escondeu da família o quanto pôde.

Conforme relatou o companheiro e amigo Otávio Pernambucano, quando era acometido dessas crises, ficava impossibilitado de exercer suas atividades, pois tremia como “varas verdes ficam tremendo” e era necessário que a filha do senhor da pensão, onde morava, ficasse segurando-o até passar a tremedeira. Era como se ficasse amedron-

tado com alguma coisa e então ficava incapaz de qualquer trabalho.¹⁵

Em 1930, regressa a Recife, trazendo na bagagem mais que o diploma de médico e a especialização em doenças da nutrição feita nos Estados Unidos; traz seus sonhos e o desejo de tornar-se alguém importante, dar uma condição de vida decente a sua mãe e, talvez, fugir da imagem de menino do mangue que havia sido e com o qual parecia ter feito algum pacto de fidelidade, mas que, naquele exato momento de sua vida, parecia querer esquecer.

3 – IMAGENS DE RECIFE

O indivíduo não é a soma de suas impressões gerais e sim de suas expressões singulares. A terra natal tem uma profunda importância na elaboração dos símbolos-imagens que nutrem os nossos devaneios, pois a terra natal é menos uma extensão que uma matéria, um fragmento qualquer nos remete a ela e a reconstruímos como a idealizamos na memória, por isso é possível localizá-la e reconhecê-la, seja numa cor, num cheiro ou num som. Qualquer fragmento de matéria pode contê-la. “É nela que materializamos os nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire sua exata substância; é a ela que pedimos nossa cor fundamental” (Bachelard, 1989, p. 9).

Recife foi poeticamente descrita por Josué em vários de seus escritos. Em **Documentário do Nordeste**, a sua terra natal surge com uma auréola mágica, a terra perdida dos sonhos:

O Recife, Capital do Nordeste, não é cidade duma só cor, nem dum só cheiro, como muitas encontradas por Kipling em suas viagens, que depois as podia evocar admiravelmente num só adjetivo,

¹⁴ No estudo que empreendemos sobre o autor foi de relevante importância o acesso à parte de seus diários pessoais, que se compõem de uma série de cadernos de anotações. Ao todo, lemos 18 cadernos manuscritos.

¹⁵ Essas crises depressivas acompanharam a sua vida e dela encontramos registro em vários dos cadernos de anotações. Por longos períodos ficava sem poder realizar qualquer tarefa. Os médicos falavam em crises de “surmenage”, ou seja, depressão. Este estudo não entrou no mérito clínico das mesmas por fugir a nossa temática e área de estudo. Entrevista realizada com Otávio Pernambucano, em junho de 1995.

expressão dum estado sensorial (...). Por seu arranjo arquitetônico, pela tonalidade própria de cada uma de suas ruas, o Recife é desconcertante, como unidade urbana, impossível mesmo de caracterizar-se (...). Cidade feita de manchas locais diferentes, não há por onde se possa apanhar na fisionomia das casas o tom predominante da alma da cidade.

“... O Recife é todo esse mosaico de cores, de cheiros e de sons” (1959, p.14-15).

É o artista e amante da cidade quem escreve, com seus devaneios submersos nos sentimentos, suas emoções e idealizações. Fala da cidade ideal, existente apenas na cosmicidade do imaginário.

Tentaremos nesse nosso pequeno ensaio de índole sentimental revelar a descoberta da perspectiva ideal de uma cidade. Da cidade onde nascemos: O Recife. A corrente de amor que nos liga à sua paisagem é tão intensa que a revelação se processou num verdadeiro estado de transe emotivo.¹⁶

Calvino (1990), em *As cidades invisíveis*, nos dá a dimensão que as imagens guardadas de um lugar adquirem na memória do viajante que as contempla, ao se referir às cidades que Marco Polo descreve para Kublai Khan e que só existiam invisíveis, guardadas em sua memória. Marco Polo na verdade, ao descrever as inúmeras cidades que havia conhecido, buscava encontrar a essência que as distinguiam e descrevia em todas, a sua terra natal, Veneza.¹⁷

Josué ao escrever o ensaio “O panorama ideal de uma cidade” dá fisionomia a Recife. Des-

creve-a como uma cidade onde os tempos se mesclam, de modo a poderem sempre ser recordados:

A cidade só se deixa captar na unidade de sua expressão urbana, quando vista do alto (...) é impossível captar-se a expressão de seu rosto, do nível do solo ou do mar (...) E, assim, traço por traço se vão revelando, das alturas, todo o corpo e toda a alma da cidade deitado ao longo do Capibaribe, com o seu rosto voltado para o céu (...). E por isso Recife é especial, diferente de outras (1959, p.155-15).

Ao defender sua tese de concurso para a cátedra de Geografia Humana, em 1948, na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, com o trabalho “Fatores de Localização da Cidade do Recife”, faz no início do prefácio uma confissão do amor que tinha por sua terra natal e deixa transparecer como os quadros vividos na infância e adolescência influenciaram a sua trajetória de vida e impregnaram a sua obra:

“Para colher os elementos indispensáveis a uma análise mais objetiva da matéria, realizamos uma viagem de estudo à cidade do Recife e à região circunvizinha...”

É bem verdade que a viagem à cidade foi curta, mas suficiente para reavivar na memória do autor os traços mais significativos da paisagem cultural já anotados durante os longos e largos anos vividos no Recife – durante os primeiros anos de sua vida, de sua formação mental e de suas primeiras experiências literárias. (...) Não foi, pois, casual a escolha da cidade do Recife (...). Pesou, de certo, na escolha, o sentimento do filho da terra, desterrado pelos acasos da vida mas sempre amoroso de sua paisagem e sempre vivendo intelectualmente as experiências nela adquiridas (1954, p. 7-8).

Embora morando no Rio de Janeiro, a quase duas décadas, continuava ligado a sua cidade natal, sentimento de amor sempre expressado com emoção:

...Sob certos aspectos sinto esse amor até com mais violência pela ausência prolongada da paisagem que constituía o fundo essencial do quadro de minha infância e juventude. É que a cidade pequena, a cidade provinciana envolve perigosamente a alma da gente com uma espécie de encantamento mil vezes sedutor que o das

¹⁶ Artigo publicado no jornal CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 27 de maio de 1949 e, posteriormente integrado, com algumas modificações, à segunda edição de *Documentário do Nordeste*.

¹⁷ Em seu diálogo com Marco Polo, Kublai Khan insistia sobre Veneza. Depois de uma noite de relatos sobre as cidades de suas viagens, ao amanhecer, Marco Polo disse: “Sire, já falei de todas as cidades que conheço. Resta uma que você jamais menciona”.

Marco Polo abaixou a cabeça.

- Veneza - disse o Khan.

- E de que outra cidade imagina que eu estava falando?” In: CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. 6. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p. 82.

*grandes metrópoles (...) Agora ... amor mesmo a gente só sente pela cidade pequena que se abre sem reserva, que se dá num abandono da intimidade que a gente nunca esquece!*¹⁸

O entendimento dessa relação sentimental com os espaços que nos cativaram e que nos servem de refúgio, inspiração e alimento espiritual, sejam eles uma cidade, uma casa, um quarto, um rio, ou até uma casca de noz, não importando a dimensão, já que ela não conta no campo dos nossos devaneios, é fundamental para compreender-se a importância da cidade natal no campo imagético de Josué. Na verdade, ela parece ter representado a mansarda protetora e inspiradora para onde buscava recolher-se quando necessitava alimentar o seu espírito.

Logo na apresentação de **Documentário do Nordeste** (1959) irá confessar o quanto estava preso a sua cidade e as imagens guardadas da infância, e como necessitava deste refúgio sentimental:

... Mesmo quando voltamos nossa atenção para os problemas de categoria universal sempre recorreremos, em última análise, ao tesouro acumulado das imagens recolhidas na infância para servirem de termos de comparação aos nossos julgamentos e às nossas opiniões. Viajando pelo mundo inteiro e procurando sempre arejar o espírito com as correntes de pensamento sopradas em todas as direções, mesmo assim (...) nunca deixamos de nos sentir como um provinciano, com o espírito e o sentimento impregnados da substância da terra da província (1959, p. 7).

O depoimento de Josué nos conduz a refletir com Bachelard (1991), como o inconsciente permanece nos locais e como as lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas. Não é a localização no tempo que importa para compreender o reduto das lembranças, mas sim a localização nos espaços de nossa intimidade. Tendemos a retornar aos lugares que amamos mesmo que estejam distantes ou não mais existam de fato, pois eles

adormecem em nosso inconsciente e a eles voltamos em nossos sonhos noturnos, em nossos devaneios.

Esses redutos, não importa a sua dimensionalidade, têm valor de concha, de abrigo seguro e protetor, de ninho aconchegante. Por isso, “toda pessoa deveria então falar de suas estradas, de suas encruzilhadas, de seus bancos. Toda pessoa deveria fazer o cadastro de seus campos perdidos”.¹⁹

4 – O INÍCIO DA CARREIRA EM RECIFE

Apesar de todo o apreço que sempre manifestou por sua terra natal, o início da carreira de médico em Recife foi árduo, pois era menino pobre, sem dinheiro para investir em consultório bem montado que pudesse atrair a clientela mais abonada da cidade. Precisou recorrer a um conhecido e agiota que “salgava o preço do empréstimo”, para poder abrir o seu primeiro consultório, localizado no 1º andar de um prédio na rua Duque de Caxias, bem como para poder alugar uma casa e lá instalar-se com a mãe, para desgosto do seu pai, que esperava que o filho retornasse para morar com ele novamente. Segundo Otávio, “o pai, muito magoado, deixava de ter à mão o filho de que se orgulhava e o médico que precisava”. Bem como os desafetos indignados: envergonhava-se da vacaria e repudiava o pai.²⁰

Mas estas acusações não o perturbavam, pois primeiro sua mãe voltaria à posição de dignidade, o resto arranjará depois. Esperava, ao voltar, um emprego na Secretaria da Educação, que lhe havia sido prometido, mas com a revolução de 30, o sonho de um bom emprego, na administração de Pernambuco, gorou. Esses primeiros anos são por ele rememorados:

Abri então, consultório, prá fazer nutrição. Eu, na realidade, queria era ser psiquiatra, mas o Ulhoa Cintra tinha dois aparelhos de metabolismo. Me vendeu um. Resolvi fazer nutrição. (...) as doenças da nutrição eram cinco na época: obesidade,

¹⁹ BACHELARD, Gaston. *A Poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 31.

²⁰ In: ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA, *Ciclo de estudos sobre Josué de Castro*: depoimentos. Recife: UFPE. Ed. Universitária, 1983. p. 106.

¹⁸ Entrevista realizada por Ascendino Leite, em 24 de março de 1947. In: O JORNAL, Rio de Janeiro.

magreza, diabete, gota, reumatismo. Como era coisa nova passei a ter uma clínica brutal, apesar de minha cara de menino que assustava os primeiros clientes.

Nos anos seguintes, até 1932, viveu uma fase de total irreverência para tudo que lhe parecia convencional e estereotipado. E como ele mesmo relatou, certa vez, em uma entrevista:

Era o instinto da fera que Pedro Augusto Carneiro Leão deixara dormitando no inconsciente. De 1930 a 1932 este instinto se exaltou ao máximo, revelando-se em atitudes e referências diante de certos grupos de gente da terra, que eu reconheço como de desnecessário exagero demolidor. Estávamos na fase de fermentação da qual saltariam as vozes dramáticas de José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, e outros, mas que sua aparência de fogo apagado dava uma impressão de decadência definitiva. E foi sobre essa decadência que eu procurei derramar meu pretensioso desdém. Foi esta a fase de minha vida em que consegui fazer o maior número de inimigos, alguns deles da mais salutar influência no rumo das minhas íntimas aspirações.

Em 1932, presta concurso para a Faculdade de Medicina de Recife, para a cadeira de Fisiologia, sendo aprovado. É o mais novo docente da escola, muitas vezes, dada a sua fisionomia de menino, confundido como aluno. Começa então uma fase mais séria em sua vida.

Antes de ingressar como docente na faculdade, havia tido a experiência de dois anos de trabalho como médico em uma fábrica e constatado de perto a miséria em que viviam os operários e o regime de exploração a que estavam submetidos. Esta experiência levou-o à convicção de que era absolutamente necessário proceder-se a um estudo mais objetivo desta miséria aludida, referida ou combatida por muitos, *mas até então não comprovada com rigorismo científico.*

Esta tomada de posição o conduz à realização do primeiro inquérito sobre as condições de vida das classes operárias de Recife (1935), e que foi o primeiro estudo do gênero levado a efeito no país e cujos resultados impressionantes repercutiram vi-

olentemente nos meios cultos, chamando a atenção das elites para o problema da fome nacional.

No conto, "Assistência Social", escrito na década de 30, e que enfeixa o livro **Documentário do Nordeste** (1959), traz à tona esta sua experiência. O Dr. Félix, protagonista principal deste seu escrito, é o desabafo do poeta diante da dura realidade enfrentada pelo cientista. É ele o médico incapaz, com todo o seu conhecimento, de curar a doença que mata os operários que estão sob os seus cuidados: a fome. Doença que mata sem piedade e com uma crueldade atroz. Novamente, são os quadros de sua infância que estão a lhe desafiar, a lhe cobrar o compromisso.

A fome de alimentos que mata os pobres e a fome de encontrar uma solução para este flagelo, criado pelos homens, passam a devorá-lo pouco a pouco, inspirando-o em textos literários nos quais relata parte de sua própria história de vida.

...o Dr. Félix começou a pensar nas coisas tristes da sua vida, na sua vida inteira de coisas tristes: seis anos de estudos, de sacrifícios, de "média e pão com manteiga", para se formar em medicina, para ser doutor. Para quê? (...). Médico, profissão liberal. Lorota. Liberal para quem tem pai fazendeiro, capitalista, para pagar um consultório de luxo, para pagar anúncios nos jornais, para pagar os elogios dos amigos, para pagar as boas relações. Pai ou sogro, mas para quem começa no duro, sem encosto, qual profissão liberal... assalariado, classe proletária é o que é ... (1959, p. 41).

Essa fala transparente, dita com tanto realismo, representa, sem dúvida, uma maneira de desabafar as contrariedades e os anseios que enfrentara em sua vida de acadêmico pobre, que se alimentava mal e que precisara usar de todos os artifícios, inclusive esfalfando-se em trabalhos, para poder concluir o curso. Revelava, ainda, a sua luta inicial em Recife, nos primeiros anos de formado.

O tempo das vacas magras parecia aos poucos se distanciar, pois a clínica em Recife ia prosperando e, embora muito moço, já não lhe faltavam clientes, chegando a ganhar segundo ele próprio, de 10 a 15 contos de réis na clínica, tornando-se o médico da moda.

Com a clínica bem conceituada, a docência na Faculdade de Medicina e a de Geografia Humana na de Filosofia, que ajudou a fundar em 1933, a sua situação econômica estabilizava-se. Mudou-se para a rua Antenor Navarro, no bairro dos Afritos. Foi uma época em que ganhou muito dinheiro, fato que atendia aos seus interesses, pois como esclareceu Otávio, “*ele queria ser rico, queria defender o pobre mas queria ser rico (...) ele queria ser rico prá poder conhecer as coisas do mundo, as coisas e as pessoas...*”²¹

Mas aos poucos começa a cansar-se da vida de médico da moda, dono de consultório granfino e de clientes sofisticados.

“*Comecei a sentir que não interessava ganhar dinheiro. Achava tremendo isso de ficar engrecendo senhoras gordas da sociedade, enquanto a cabeça me martelava com o problema da fome de tanta gente, com o ciclo do caranguejo*”.

O trabalho na fábrica e a triste constatação da sua impotência, frente aos males da fome que acometiam os operários, muito contribuíram para avivar em sua memória o quadro de legiões de famintos que havia presenciado em sua infância, nos mangues da Madalena. A dura constatação de que a baixa produtividade dos operários devia-se à fome deixou marcas e o despertou para a consciência do problema, conforme seu próprio depoimento:

*No fim de algum tempo, compreendi o que se passava com os enfermos. Disse aos patrões. ‘Sei o que meus clientes têm. Mas não posso curá-los porque sou médico e não o diretor daqui. A doença dessa gente é fome’. Pediram que eu me demitisse. Saí. Compreendi, então, que o problema era social. Não era só do mocambo, não era só do Recife, nem só do Brasil, nem só do continente. Era um problema mundial, um drama universal.*²²

Esta denúncia Josué torna pública, não apenas no estudo sobre as condições de vida dos operários de Recife, trabalho de cunho técnico-científico e dirigido a um público mais restrito, mas, em especial, ao escrever o conto “Assistência Social”, no qual fala através do personagem do Dr. Félix:

“*O dr. Félix, formado há um ano, é médico da “Fabrica Pureza”. Como a fábrica fica numa ilha da Várzea e ele mora em Olinda, tem que tomar dois bondes e um bote para chegar lá*”.

“*...O apito tendo anunciado a sua chegada, o gerente mandou chamá-lo para ter com ele uma ligeira conversa administrativa*”.

“*... Doutor, o senhor sabe que nós temos todo o interesse pelo bem estar e pela saúde dos nossos operários, que foi exatamente isto que nos levou a contratá-lo pagando-lhe 200\$000 por seus serviços médicos...*”

“*O doutor Félix rememorou o número imenso de tuberculosos trabalhando na seção das tintas e que foi um trabalho enorme para mudar os que não podiam respirar ali para outra seção – porque não havia vagas...*”

“*... o senhor sabe, doutor que todo o remédio que o senhor receita nós fornecemos sem descontar da folha de pagamento...*”

“*O doutor lembrou-se dos salários miseráveis daquela gente de 3 a 6 mil réis por dia*”.

“*... vê portanto o senhor que temos toda a benevolência e espírito de humanidade com os nossos operários...*”

“*O doutor Félix sorriu melancolicamente...*”

“*... Mas o senhor deve compreender que a nossa benevolência tem limites. (...) As despesas em remédio estão enormes. É preciso uma providência...*”

“*O dr. Félix teve vontade de dizer que a providência seria dar comida e conforto aos operários para não adoecerem todo dia...*”

“*... o senhor tem que fazer é receitar purgativo para esta cambada de vagabundos ...*”

“*O médico não respondeu nada. (...) atendeu a onze operários (...). Receitou-os como lhe pareceu mais acertado...*”

“*No dia seguinte o jovem médico recebeu uma carta da fábrica onde em nome da diretoria eram dispensados os seus serviços médicos (...). A carta era datada de 5 de março e assinada pelo gerente*” (1959, p. 42-44).

Escrever contos sobre a dura realidade, enfrentada pelos excluídos de sua cidade, não só satisfazia a sua vontade de ser escritor mas era também uma forma de denunciar a fome e a miséria que cam-

²¹ In: ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA, *Ciclo de estudos sobre Josué de Castro: depoimentos*. Recife: UFPE. Ed. Universitária, 1983. p. 215.

²² A NOITE ILUSTRADA, Rio de Janeiro, 1963. p. 12-13.

peavam em Recife. Era ele, não raro, que se travestia nos seus personagens, bem como eram as suas lembranças que serviam de matéria para as imagens que construía literariamente e que mais tarde floresceram em escritos como **O Livro Negro da Fome** (1960 – 1ª edição), **Sete Palmos de Terra e um Caixão** (1965), além de **Geografia da Fome** (1946) e **Geopolítica da Fome** (1951).

“O Ciclo do Caranguejo”, escrito em 1933, é considerado um marco de sua carreira, causando uma celeuma entre aqueles mais bem nascidos, que não admitiam a ousadia das denúncias contidas nesta página literária, pois feria de frente os interesses dos grupos oligárquicos dominantes, ao denunciar a miséria e a fome e seus algozes.

Para Taranto (1993), este trabalho pode ser considerado como uma antecipação literária de sua obra e custou-lhe a expulsão de Recife, porque foi entendido como subversivo. Otávio Pernambucano considera-o puro desabafo “rilkeano”, espontâneo, indomável.

O ‘ciclo’ fazia-me entender que saíamos em busca da sociologia do mangue, cujo roteiro fora legado, imposto sem opção. Mas, para Josué não era no papel, na poesia que estavam os ‘cem mil indivíduos, cem mil cidadãos’. Ele tinha-os visto mesmo, cheirado o seu suor, fazia questão de os mostrar sem fantasia (1983, p. 210).

Em 1935, transfere-se para o Rio de Janeiro, deixa o consultório bem montado, os clientes abonados, a cadeira de Fisiologia na Faculdade de Medicina, o cargo de vice-diretor da Faculdade de Filosofia que havia ajudado a fundar, bem como a cadeira de Geografia Humana da qual era o catedrático e inicia uma nova vida na capital federal. Começava uma etapa difícil de sua vida, com muito trabalho e dificuldades financeiras, tendo agora sob sua responsabilidade, não apenas a mãe, mas a esposa Glauce.²³

²³Embora não concorde com a tese de Taranto de que o conto “O ciclo do Caranguejo” tenha sido a causa de sua saída abrupta de Recife, de certo contribuiu para acirrar os ânimos dos seus adversários. Outros fatores influíram decisivamente para esta tomada de posição, como o rompimento de um noivado e o casamento com uma ex-aluna, além da necessidade que sentia de expandir seus conhecimentos e libertar-se das amarras provincianas de sua terra natal. Vide a respeito: SILVA, T. E. M. *Josué de Castro: para uma poética da fome*. Tese - PUCSP, São Paulo, 1998.

5 – E O MENINO DO MANGUE CONTINUAVA VIVO

Embora as verdadeiras razões de sua transferência para o Rio de Janeiro nunca tivessem sido explicitadas por ele, o fato é que a mudança brusca trouxe-lhe de imediato mais problemas que vantagens. Começou para ele uma vida difícil. Escrevia contos para os jornais. Era mais literato que médico.

Em Recife, a clientela havia começado com os ricos; no Rio tinha sorte quando apareciam os pobres. Escrevia artigos, teses, dava aulas, fazia tudo o que desse para ganhar algum dinheiro, mesmo que com isso compromettesse a sua saúde. Escondeu de todos os conhecidos e familiares as dificuldades que enfrentou, não pediu ajuda e nem se queixou. Havia um certo orgulho que não poderia ser quebrado.

No final do ano de 1935 e início de 1936, chegou-lhe pela mão do amigo Roquette Pinto uma carta assinada pelo Reitor Azevedo do Amaral, da Universidade do Distrito Federal²⁴, convidando-o para ministrar a cadeira de Antropologia. Na verdade, esta era a cátedra de Roquette, mas por motivo de doença deste, Josué é chamado para substituí-lo.

Este início é assim rememorado anos depois:

...Em 1935 quando deixei o Recife para ir residir no Rio, atravessei um período difícil de experiência de fome, lutando duramente pela subsistência. Escrevendo, tentando clínica, tentando até concurso de Estatística, onde me agüentei na tese, na sua defesa, na escrita e na oral, mas me achatei definitivamente na prática (...). Foi nesta época (1936), que Roquette Pinto foi convidado para professor de Antropologia da recém criada Universidade do Distrito Federal, não podendo acei-

²⁴ A Universidade do Distrito Federal foi criada em 1935 por Anísio Teixeira com o apoio de Pedro Ernesto e foi a quarta Universidade a ser fundada no Brasil. Na época de sua criação Anísio Teixeira era Diretor Geral da Instrução do Distrito Federal (1931-1935). Com a ditadura Vargas, a Universidade que era uma iniciativa pioneira de modelo de Universidade, é transformada em Universidade do Brasil e tem alterada toda a sua proposta inicial bem como é exonerada a maioria dos seus docentes.

tar por motivos de saúde o encargo, indicou o meu nome para substituí-lo. Assim comecei a ensinar no Rio, passando depois para a Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil.

Alguns aspectos de sua história de vida são revelados nas poucas entrevistas que deu a esse respeito, contudo nos contos que escreveu desnuda-se em seus personagens e deixa emergir as imagens que reteve, quando ainda menino, dos mangues da Madalena e de seus estranhos habitantes: os homens-caranguejos.

Em “O Ciclo do Caranguejo”, que tanta polêmica gerou quando publicado, a trajetória enfrentada pela família Silva é sob certos aspectos a história de sua família e a sua própria. Retrata o drama dos retirantes, a permanente exclusão de uma imensa parcela da população pobre do país, que migra constantemente em busca de um lugar para arrancar e sobreviver. Fala da fome.

“A família Silva mora nos “mangues” da cidade do Recife, num mocambo que o chefe da família fez quando chegou de cima”.

“A família é originária do sertão. Desceu do Cariri, na seca, perseguida pela fome...”

*“Logo de chegada a família viu que a coisa era outra. Não havia dúvida que a cidade era bonita (...). Mas a vida do operário, apertada como sempre. Muita coisa p’ros olhos, pouca coisa p’rá barriga”.*²⁵

Essas páginas ficcionais são um misto de sonho e realidade, pois contém um pouco de sua história, ilusões e desilusões. O pai foi retirante da seca, a mãe viveu a dura realidade das mulheres abandonadas que enfrentam todo tipo de necessidades e preconceitos, o manguê e seus moradores, com todo o seu rosário de sofrimentos, foi também sua escola. Era ele um pouco igual ao João Paulo²⁶ que sonhava em ser alguém na vida, sair do manguê, vencer na cidade. O fim de um foi trágico, o do outro foi combater durante quase toda a sua vida as causas que motivaram a tragédia de seu personagem.

²⁵ CASTRO, Josué de. *Documentário do nordeste*. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 25.

²⁶ João Paulo era o filho mais novo do personagem Zé Luís, do “Ciclo do Caranguejo”.

Josué vivia uma utopia e uma tragédia mas o sonhador não presencia apenas alegrias, da fatalidade também nascem os sonhos e as utopias. Este foi o seu roteiro de vida. Motivado por ele constrói imagens vivas, universais, como denúncias, e busca soluções para a tragédia que descreve. Vive intensamente a sua obra. A tragédia da fome traduz-se na vida e na obra. Neste sentido podemos entendê-lo como um anunciador, num sentido bachelardiano do termo.²⁷

Em **Homens e Caranguejos** (1967), retoma o fio da história iniciada no conto “O Ciclo do Caranguejo” e apresenta um pouco mais do perfil de seus personagens. É mais um pouco de sua própria história, disfarçada em romance, que flui como as águas mansas do rio fluíam no fundo de sua casa no bairro da Madalena, no Recife, e que ele passava horas a olhar como uma fita de cinema.

Zé Luiz, sertanejo corajoso, que emigra na seca com toda a família e se instala nos mangues do Capibaribe, trabalhando como porteiro na mesma fábrica em que o Dr. Félix receitava, e o filho João Paulo, irrequieto e sonhador, misturam ficção e realidade.

... João Paulo encosta-se na parede de barro do mocambo e se regala com estas histórias. Principalmente, quando é o próprio pai que conta, o que raramente acontece (...). Não tinha ele prometido contar ao filho, um desses dias, a sua odisséia descendo o sertão até encontrar os mangues? Contaria hoje. E contou...

“História de fome não é história que se conte – começou Zé Luiz – é só tristeza. Tristeza e vergonha. História feia (...). Conto a tristeza e vergonha que a gente passou na seca de 1947” (1967, p. 71).

A imagem da vergonha que se passa quando se esmola água e comida, quando se chega à condição de farrapo humano, o difícil recomeço e o desdém dos mais bem nascidos para com o infortúnio

²⁷ Ao referir-se à capacidade criativa de Henri de Waroquier, o escultor de bronze, com relação à figura esculpida de Édipo, diante de sua tragédia, afirma: *Todo o homem que sofreu não é um anunciador?* In: BACHELARD, Gaston. *O Direito de Sonhar*. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. p. 40.

alheio, faziam-no reviver o seu próprio infortúnio, as privações porque passou a sua família na seca de 77, e as que ele juntamente com sua mãe haviam provado.

Nessas imagens está também o mundo de seus colegas de infância, um pouco da história do Chico e do Cosme e de todos os outros moradores dos mangues de Recife, que lhe impregnaram a memória. Como ele próprio confessaria, já consagrado como um batalhador em prol da erradicação da fome no mundo: “*meu interesse pela fome não vem do que aprendo nos livros, mas porque aprendi a ver com os olhos de meu pai*”.²⁸

Em 1957, empreende uma viagem ao extremo Oriente e, nesta oportunidade, visita a China. As impressões deixadas por esta viagem foram registradas em seu diário e nos revelam como o mundo de sua infância continuava presente a cobrar-lhe um compromisso. Em todas as paisagens do mundo parecia sempre reencontrar as cenas de sua infância.

Em Cantão, da janela do hotel onde estava hospedado, ao observar o panorama impressionante do rio que se descortinava a sua frente, rememora episódios de sua meninice que nunca se apagaram.

... É um espetáculo único mas que tem para mim um sentido muito especial, porque me faz lembrar a nossa casa na Madalena, em frente ao Capibaribe e as barças descendo ou subindo o rio, empurradas a varas por caboclos de torso nu. Aqui o rio é bem mais largo, o número e a variedade de barcos é infinitamente maior mas há um que de comum no perpassar das imagens e mesmo nas atitudes das figuras que se movem na paisagem. Há muita coisa do sul da China no nosso Nordeste brasileiro, pelo menos a cor local de sua miséria tem muito da miséria universal que se apresenta tão espetacular nesta região do mundo.

²⁸ Ao se debruçar sobre Simon Segal, Bachelard ressalta o olhar que está presente na obra deste artista: *Segal quer o olhar, o olhar todo, tudo o que o olhar pode transmitir numa comunicação de consciência. (...) vai buscar, no fundo do ser, não sei qual história longínqua de um ser que esquece o presente...*

Porque quando olho mais demoradamente o retrato que Simon Segal fez de mim numa noite de inverno, eis que à distância de um terço de século – ó espanto! Ó recordação! – em meus próprios olhos vejo o olhar de meu pai. In: *O Direito de sonhar*, op. cit., p. 33-34.

A água barrenta correndo lá embaixo, os homens estirados ao sol no convés das embarcações, a confusão humana em torno do cais, me fizeram evocar a pobreza de minha infância: os banhos de rio em água quase tão suja quanto esta, a pesca dos caranguejos e siris e o espetáculo que um dia assisti de ver um mundo de siris agrupados quase a beira d'água se deliciando gulosamente com um monte de excrementos humanos que a água rasa mostrava no seu amarelo vivo, em contraste com o fundo escuro, da vasa da maré. Desde este dia não pude mais comer siris em minha vida inteira. Todos os espetáculos de miséria humana, de degradação, de sofrimento a que assisti vieram em minha memória, como que reivindicando sua realidade um tanto apagada pelo tempo ...

Ao escrever em **Homens e Caranguejos** (1967) sobre como João Paulo desaparece e reaparece nas águas do rio, esta imagem dos siris, devorando os restos humanos, encerra o livro mostrando como se dá a transmutação dos homens em caranguejos.

...É que o menino, tendo vivido sempre em intimidade com os caranguejos, a sua alma molinha de criança deve ter tomado o feitio da alma dos caranguejos, e hoje João Paulo, ouvindo a tempestade, deve ter ficado maluco como ficam os caranguejos quando ouvem a tempestade.

...Cedo a notícia do desaparecimento de João Paulo se espalhou pelo bairro, e impressionou tanto quanto o fracasso da revolução. (...). Com o nascer do sol, apareceu uma turma de guardas encarregados da busca dos corpos. Vários foram encontrados dos dois lados do rio. De revoltosos e de soldados mortos na refrega. Alguns eram tirados da lama, já meio comidos pelos caranguejos e siris ...

E sobre toda a paisagem do mangue estende-se, agora, um lençol de sombra, negra mortalha recobrendo todos os corpos dos mortos da revolução fracassada. Dentre eles, enterrado nos mangues, deve estar, em qualquer parte, o corpo de João Paulo que, com sua carne em decomposição, irá alimentar a lama que alimenta o Ciclo do Caranguejo (1967, p.171,175,177).

Eis o ciclo de vida e morte denunciado por Josué. O ciclo que vitima os pobres e famintos e que se estende como uma mancha de lama negra por todas as paisagens do mundo. O menino do mangue continuou vivo enquanto viveu Josué.²⁹

6 – UM HOMEM COMPROMETIDO

O que é um indivíduo? Em que reside a sua identidade? De que maneira se define um eu? Estas são algumas questões que Kundera (1994) levanta ao buscar deslindar o processo de criação de um personagem. De que ele se constitui? Qual a matéria de que é feito? O questionamento argumenta se este não seria produto da sua vida interior, de seus pensamentos, de seus sentimentos secretos. E continua em sua especulação: “*Poderiam os seus pensamentos servir de chave para sua identidade? Ou seria o homem definido por sua visão do mundo, por suas idéias, por sua Weltanschauung?*”³⁰

No caso do autor estudado, essas pistas especulativas nos auxiliam a entender a relação entre as imagens da fome que marcaram a sua infância e o tema a que se dedicou, bem como a forma apaixonada como denunciava que toda a Terra era celeiro da fome e que esta era produto dos homens em suas opções políticas e econômicas.

O realismo de seus escritos decorre de seu compromisso com a temática, pois nunca acreditou em literatura neutra, sem tendências, enquistada no absoluto dos cânones da arte, sem contatos estranhos, sem raízes, sem ligações com os outros aspectos sociais que definem uma cultura.

Embora fosse contra os romances de tese, defendia que o artista deveria ter um compromisso para consigo mesmo, para com suas próprias impressões sensoriais, para com sua experiência sensível, pois acreditava que, sem esta unidade individual entre a inteligência que exprime e a sensibilidade que fornece o material plástico da expressão, não poderia haver manifestação de arte verdadeira.

A idéia de que a arte é o fruto exclusivo de um compromisso de sinceridade, o conduziu a afirmar que “*a arte é sempre tendenciosa, pois encerra em todas as suas expressões a reação do humano diante das forças circundantes*”.

O teor humano de seus trabalhos parece ter tido origem com o estudo sobre as condições de vida dos operários em Recife, um pequeno e modesto folheto. A vida de miséria a que estavam submetidos aqueles grupos sociais, na cidade que foi para ele sempre um tema e uma forma de encanto, como bem asseverou o amigo e companheiro Souza Barros³¹, passaria a constituir uma permanente preocupação.

“*O futuro “Sociólogo da Fome” não se acostumaria àquela vida como paisagem, com o irremediável; juntou essas observações às velhas imagens guardadas na retina do jovem ...*”

O conjunto de contos que compõem a primeira parte de **Documentário do Nordeste** (1959), bem como a retomada da temática em **Homens e Caranguejos** (1967), fornecem-nos as pistas de como as imagens da fome entranharam-se em sua alma de menino e com ele fizeram uma espécie de pacto de vida e morte, de sorte que mesmo quando parecia querer esquecer o compromisso assumido, o menino do mangue puxava-lhe pelas lembranças.

E, assim, traçou o seu roteiro. Definiu os rumos de sua vida. Fez da fome uma poética, envolveu-se todo, viveu a utopia e a tragédia nela contida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA. *Ciclo de estudos sobre Josué de Castro: depoimentos*. Recife: UFPE, Ed. Universitária, 1983.
- 2 - BACHELARD, Gaston. *A Poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Coleção Trópicos).

²⁹ Josué de Castro falece em 24 de setembro de 1973, em Paris, onde encontrava-se na condição de exilado, desde o Golpe de 1964.

³⁰ KUNDERA, Milan. *Os Testamentos traídos*: ensaios. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 10.

³¹ BARROS, Souza. In: TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Rio de Janeiro: Leitura, 1974. p. 11-12.

- 3 - BACHELARD, Gaston. *A Água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- 4 - _____. *O Direito de sonhar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- 5 - CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. 4. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- 6 - _____. *As Cidades invisíveis*. 6. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- 7 - CASTRO, Josué de. *Homens e caranguejos*. São Paulo: Brasiliense, 1967.
- 8 - _____. *Documentário do nordeste*. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- 9 - _____. *A cidade do Recife: ensaio de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.
- 10 - _____. *As Condições de vida das classes operárias no Recife: estudo econômico de sua alimentação*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, Departamento de Estatística e Propaganda, 1935.
- 11 - CASTRO, Josué de. *O Livro negro da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1960.
- 12 - _____. *Sete palmas de terra e um caixão: ensaio sobre o nordeste uma área explosiva*. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- 13 - HAMSUM, Knut. *Fome*. São Paulo: Clube do Livro, 1955.
- 14 - KUNDERA, Milan. *Os Testamentos traídos: ensaios*. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1991.
- 15 - MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Portugal: Europa-América, 1984.
- 16 - _____. *O Método IV. As Idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização*. Portugal: Europa-América, 1992.
- 17 - SILVA, Tânia Elias M. da. *Josué de Castro: para uma poética da fome*. São Paulo: PUC, 1998. Tese.
- 18 - TARANTO, Giuseppe Di. *Sociedade e subdesenvolvimento na obra de Josué de Castro*. Belém: CEJUP, 1993.
- 19 - TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Rio de Janeiro: Leitura, 1974.